

# Fronteiras instáveis entre universidade e mercado a partir do caso da psicologia positiva

## *Unstable borders between university and market from the case of positive psychology*

Alexandra Dias Ferraz Tedesco | Universidade do Estado do Rio de Janeiro

[alexandra.tedesco@gmail.com](mailto:alexandra.tedesco@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0001-7840-5014>

**RESUMO** Este artigo analisa um fenômeno intelectual – a psicologia positiva – a partir das relações que este estabelece entre as hierarquias disciplinares universitárias e outras plataformas de consagração. Através de uma análise do estatuto da psicologia positiva e de sua história institucional, o artigo almeja contextualizar os desafios que tal projeto impõe não apenas aos debates teóricos do campo da psicologia como, também, às fronteiras entre universidade e mercado. Para tanto, foram levados em consideração os processos de institucionalização da psicologia positiva nos Estados Unidos e no Brasil, bem como as críticas elaboradas em ambos os contextos.

**Palavras-chave** psicologia positiva – história da universidade – história das disciplinas – indústria cultural.

**ABSTRACT** *This article analyzes an intellectual phenomenon – positive psychology – based on the relationships it establishes between university disciplinary hierarchies and other platforms of consecration. Through an analysis of the status of positive psychology and its institutional history, the article aims to contextualize the challenges that such a project imposes not only on theoretical debates in the field of psychology, but also on the boundaries between university and market. Therefore, the institutionalization processes of positive psychology in the United States and Brazil were taken into account, as well as the criticisms made in both contexts.*

**Keywords** *positive psychology – history of universities – history of disciplines – cultural industry.*

## Introdução: sobre o estatuto da psicologia positiva

Em 2009, Kathryn Ecclestone e Dennis Hayes publicaram *The dangerous rise of therapeutic education*. Nessa obra, os autores partem do pressuposto de que uma tendência de psicologização da vida cotidiana, notada a partir dos anos 2000, traria efeitos perniciosos para os projetos educacionais das décadas seguintes porque sugeria, através de instrumentos como a *psicologia do bem-estar*, transformar as fragilidades emocionais em uma espécie de paradigma de normalidade. Essa tendência seria visível em todos os campos da vida social e, sobretudo, em todos os níveis do sistema de ensino, desde o ensino infantil até a universidade. Tal “psicologização da vida” estaria ligada, no argumento dos autores, ao surgimento de um movimento, uma escola de pensamento que se emancipara da psicologia acadêmica a partir da convergência com as demandas culturais do “capitalismo cognitivo”, a psicologia positiva. O livro provocou repercussão calorosa, e as críticas não se restringiram ao debate de textos, tendo chegado a proporcionar, conforme o posfácio da obra apresenta, situações constrangedoras em eventos científicos e em reuniões de associações de classe.

Apesar de paradigmática, essa não foi a primeira nem seria a última polêmica acadêmica em torno da psicologia positiva (PP).

As disputas em torno do estatuto da psicologia positiva começam na própria definição desse projeto intelectual enquanto disciplina ou campo disciplinar.<sup>1</sup> Os fundadores da psicologia positiva, Martin Seligman e Mihaly Csikszentmihalyi, referem-se a ela como um movimento preocupado em libertar a psicologia da órbita da doença, emulando uma renovada concepção de vida boa de fundo aristotélico e amparada por rígidos procedimentos de verificação científica. Seus críticos, como Ecclestone e Hayes (2009), Held (2002) e Ehrenreich (2009), convergem na interpretação de que se trata de um subcampo da psicologia que, encontrando-se com uma poderosa demanda do mercado, converteu-se em uma espécie de secretariado da “indústria da felicidade”, fornecendo a um crescente mercado de *coaches* e de escritores de autoajuda um léxico científico conveniente. Entre esses dois extremos, há autores que entendem que a psicologia positiva possui um braço acadêmico – no sentido clássico de uma “disciplina” ou “subdisciplina” – e outro, mais popular, ligado ao mercado da felicidade. A questão inicial deste artigo é, considerando essa disputa, em quais termos a psicologia positiva pode ser entendida. Como um movimento, como uma disciplina ou, ainda, como um movimento dentro de uma disciplina? Mais do que estabilizar uma definição, essa questão enseja uma pergunta mais ampla e, ao mesmo tempo, mais modesta: o que as disputas em torno do estatuto da psicologia positiva revelam sobre as fronteiras porosas entre a consagração acadêmica tradicional e as tiragens faraônicas de manuais de autoajuda e sua circulação mais ampla?

Para situar essas questões, parto da colocação de Stefan Collini (2017) de que as disciplinas não são acidentes institucionais, mas fazem parte de uma tradição. A relação entre as formas disciplinares de organização do saber e o processo de reunião de um corpo de ideias e procedimentos progressos também foi tematizada por Jean-Louis Fabiani, em *À quoi sert la notion de discipline?* (2006). Referindo-se, sobretudo, ao caso das ciências sociais, Fabiani questiona se “disciplina” é um bom conceito para analisar o campo do saber. Por que não falar simplesmente de epistemologias ou de “ciência” de modo amplo? Em seus termos,

1 A respeito do desenvolvimento institucional da psicologia acadêmica é possível consultar Joseph Ben-David (1996).

Admitimos sem dificuldade o caráter universal da noção de disciplina para designar um corpo de conhecimento entendido como a articulação de um objeto, um método e um programa, por um lado, e como modo reconhecível de ocupação de uma configuração mais ampla (isto é, o conjunto de operações de conhecimento em um determinado momento no tempo), por outro (Fabiani, 2006, p. 4).<sup>2</sup>

Desse ponto de vista, as disciplinas são um referencial de estabilidade no processo de especialização que caracteriza não só a ciência moderna, mas outras esferas da vida social. A disciplina, portanto, ajuda a situar a produção dos saberes nos marcos da divisão do trabalho e, desse modo, não pode ser entendida sem que se considere uma dinâmica de transmissão pedagógica do saber. Ao mesmo tempo, contudo, essa dimensão pedagógica, que é uma instância de estabilidade e transmissão de legado, convive com outra demanda aparentemente antagônica, a inovação, que também é importante para garantir o reconhecimento público de determinado corpo de saberes. A durabilidade institucional desse movimento é garantida, para Fabiani, pela existência de uma comunidade disciplinar, de modo que “o que é há é a coexistência, dentro da noção de disciplina, de um princípio reprodutivo centrado no estabelecimento de uma autoridade pedagógica e de um princípio desestabilizador” (Fabiani, 2006, p. 8).<sup>3</sup> Os princípios de estabilidade da comunidade disciplinar são garantidos, por sua vez, por uma diferenciação em relação ao senso comum, afiançados, sobretudo, pelos rituais de profissionalização. Esse sistema aparentemente estável é, contudo, conforme o autor, conjuntural.

Muito antes que o surgimento e o crescimento exponencial da psicologia positiva tensio-nasse as fronteiras entre a universidade, o senso comum, e a indústria cultural,<sup>4</sup> os sistemas disciplinares sob os quais se consolidou a universidade moderna vêm sendo questionados, dentro e fora da universidade, justamente pelo elemento que garante sua estabilidade, a saber, sua convencionalidade. Essa ideia é partilhada por Fabiani (2006) e Christian Blanckaert (2006), quando afirma que é precisamente a artificialidade que garante a fronteira identitária disciplinar, sendo portanto a responsável, paradoxalmente, por impulsionar a desconfiança que o senso comum nutre, eventualmente, em relação à ciência, na medida em que oculta os mecanismos de sua perpetuação enquanto convencionalidade. Para Blanckaert (2006), em suma, é preciso considerar que a disciplina não tem uma semântica apenas descritiva, mas também performativa.

Tendo em vista esses debates, reconstruo, neste artigo, o debate pela definição do estatuto da psicologia positiva com o intuito de argumentar que o projeto intelectual que ela encarna ultrapassa, em larga medida, o debate estritamente acadêmico sobre conceitos como os de doença mental, felicidade e realização pessoal e mesmo sobre a pertinência de que a ciência

2 Todas as traduções foram feitas por mim e os originais constam em notas. “On admet sans difficulté le caractère universel de la notion de discipline pour designer un corps de savoir entendu comme articulation d’un objet, d’une méthode et d’un programme, d’un côté, et comme mode d’occupation reconnaissable d’une configuration plus vaste (i. e. l’ensemble des opérations de savoir à un moment donné du temps) par l’autre” (Fabiani, 2006, p. 4).

3 “il n’en reste pas moins que la coexistence, au sein de la notion de discipline, d’un principe reproducteur centre sur l’établissement d’une autorité pédagogique et d’un principe déstabilisateur” (Fabiani, 2006, p. 8).

4 O termo “indústria cultural” será utilizado ao longo do texto para demarcar uma instância de produção, circulação e legitimação de bens culturais (ideias, textos ou programas de pesquisa) cujos critérios de validação são externos à universidade e dizem respeito às tiragens editoriais amplas, bem como a uma rede de legitimidade oferecida pela televisão e pela internet que prescinde do arbítrio da comunidade científica. Não se trata, portanto, de considerar o termo *a priori* pejorativamente, mas de demarcar uma diferença social nos modos de produção e circulação de diferentes tipos de produtos culturais.

legisla sobre essas questões. Nesse sentido, a hipótese é de que a psicologia positiva não é simplesmente um subcampo da psicologia acadêmica, nem apenas uma apropriação mercadológica do prestígio científico que a psicologia aplicada adquiriu a partir dos anos 1970. Não se trata, em suma, de uma psicologia entre outras, que se pode escolher como num cardápio terapêutico determinado pela natureza do objeto em questão. Trata-se, na verdade, de um fenômeno que atravessa a universidade, os arranjos disciplinares da psicologia acadêmica e a própria relação que a sociedade mantém com suas instituições científicas. Tudo se passa como se a psicologia positiva defendesse não apenas um conjunto de ideias, mas um mundo em que determinadas ideias estão em casa.

Se é verdade que as críticas à psicologia positiva são tão robustas quanto as defesas de sua pertinência, este artigo pretende argumentar que é exatamente através desse movimento da crítica que podemos observar as tensões entre indústria cultural e universidade. Primeiramente, apresento algumas das ideias centrais da psicologia positiva a partir do enfrentamento que propõe à “psicologia centrada na doença”. Em seguida, cotejo as acomodações e tensões institucionais geradas pelo surgimento do movimento no contexto da psicologia acadêmica nos Estados Unidos e no Brasil, a partir da análise das dinâmicas institucionais de consagração intelectual, como as associações profissionais, as premiações e o crescimento das publicações em revistas especializadas e no mercado de autoajuda. O espaço deste artigo não permite um rastreamento sistemático de todos os caminhos de circulação da psicologia positiva, de modo que a proposta é apresentar as linhas mestras da convergência entre a PP e a indústria cultural a partir do que informam sobre as tensões disciplinares que esta pesquisa analisa. Finalmente, observo o movimento da psicologia positiva à luz de seus críticos, procurando destacar que a convergência entre o movimento e o *ethos* neoliberal não é apenas uma divisão disciplinar da psicologia, também, um observatório *sui generis* dos impasses que a universidade enfrenta na promoção de sua justificativa pública, notadamente quando se defronta com o uso político do discurso científico.

## A boa nova

A psicologia positiva reivindica para si mesma um nascimento paradigmático. Diferente dos amadurecimentos teóricos ou institucionais ou das discussões entre pares que, em um ponto de impasse, eventualmente levam a cisões e criações de novas agendas de pesquisa, ela teria uma data de nascimento bastante pontual, o ano 2000, quando da publicação de *Positive psychology* (Seligman e Csikszentmihalyi). Para Reppold, Gurgel e Schiavon (2015), as origens remontam ao final dos anos 1990 quando Martin Seligman legitima a utilização desse termo para denotar uma abordagem teórica proposta para a compreensão do ser humano, criando uma área específica de estudos junto à American Psychological Association (APA), da qual se tornaria presidente em 1998. Em *Positive psychology: a personal history*, o fundador descreve as reuniões iniciais na Grateful Dead House que viabilizaram o projeto: “Aluguei a casa do Grateful Dead em Yucatán, Mike”, disse a Mihaly Csikszentmihalyi por telefone, “Você e Isabella podem cancelar seus planos de Ano Novo para 1998 e passar a primeira semana conosco, inventando a psicologia positiva?” (Seligman, 2019, p.4).<sup>5</sup> Na narrativa de Seligman, a história começa ainda

5 “I’ve rented the Grateful Dead house in the Yucatan, Mike,” I told Mihaly Csikszentmihalyi over the phone, “Can you and Isabella cancel your New Year’s plans for 1998 and spend the first week with us, inventing Positive Psychology?” (Seligman, 2019, p. 4).

em 1997 quando, em um encontro com Steve Hyman,<sup>6</sup> teria tomado forma a ideia de mudar a orientação da APA (até então centrada na psicanálise e/ou psicologia humanista) para uma *evidence-based psychotherapy* (psicoterapia baseada em evidências). De todo modo, o manifesto de 2000, firmado a partir de encontros pessoais com Csikszentmihalyi, terminou de dar forma institucional para uma ideia que Seligman eventualmente concebe como uma epifania pessoal.<sup>7</sup>

Essa experiência aparece em *Authentic happiness* (Seligman, 2002). Em certa ocasião, após corrigir sua filha de 5 anos que se agitava no jardim de sua casa de campo, Seligman teria recebido uma resposta elucidativa da filha que o fez perceber que a atitude capaz de corrigir um comportamento equivocado não é a da correção do erro mas, inversamente, aquela que estimula o acerto. Para que não reste dúvida sobre a descrição profética da iluminação do psicólogo, cito “Eu não escolhi a psicologia positiva. Foi ela quem me chamou [...]. A psicologia positiva me chamou tal qual o espinheiro em brasa chamou a Moisés” (Seligman apud Cabanas e Illouz, 2019, p. 26).<sup>8</sup>

Aos poucos, Seligman e seus apoiadores ganham fôlego institucional a partir da APA e, também, da fundação do Positive Psychology Center, ligado à Universidade da Pensilvânia. Em paralelo, outro esforço de divulgação da psicologia positiva se torna central no projeto, o site [authentichappiness.org](http://authentichappiness.org) criado por Chris Peterson e Peter Schulman, com o intuito de reunir alguns conteúdos sobre a psicologia positiva e alguns testes de bem-estar. O sucesso inicial da empreitada foi catapultado, em 2005, por uma reportagem na revista *Time*, que apresentava a psicologia positiva ao grande público e fez do site um sucesso. Apesar dos exercícios disponíveis no site aparentemente ajudarem pessoas em depressão profunda a mudar sua situação, o próprio Seligman destaca que a falta de estudos randomizados e de evidências mais sérias acabou gerando certa desconfiança em relação ao projeto. Em todo caso, a intuição, mais uma vez, de que os exercícios disponíveis no site poderiam ser sistematizados sob forma de um estudo científico, impulsionou a psicologia positiva em direção a psicoterapia positiva, uma prática clínica efetivamente chancelada pela abordagem empírica que Seligman propunha. A psicoterapia positiva impulsiona-se a partir de um pós-doutorando de Seligman, Tayyab Rashid, responsável por aplicar os testes do antigo site a pacientes divididos em grupos de controle. Os 15 estudos randomizados foram publicados posteriormente reunidos em *Positive psychotherapy: clinician manual* (Rashid, Seligman, 2018).

Essa experiência inicial foi fundamental para a sistematização da psicologia positiva enquanto área clínica, e está na base das conclusões sintetizadas por Seligman em *Authentic happiness* (2002). Nessa obra, o autor condensa os princípios de seu projeto em três grandes matrizes: emoções positivas, engajamento e significado. Essas três ideias, obtidas a partir dos estudos científicos de Seligman e de seus orientandos, dariam origem à sistematização dos meios de obtenção da situação ótima de um indivíduo autenticamente feliz, descritos em 2011 a partir do acrônimo PERMA (*positive emotion, engagement, relationships, meaning, accomplishment*).<sup>9</sup>

6 Diretor do Stanley Center for Psychiatric Research e membro do Broad Institute of MIT e Harvard.

7 Sobre a casualidade de alguns dos encontros fundacionais, é possível consultar o compêndio de Ilona Boniwell, no qual a autora afirma que “It is possible that if it wasn’t for the enormous popularity of *Flow* and for Seligman and Csikszentmihalyi meeting accidentally in Hawaii and becoming friends (Seligman, 2002), the positive psychology movement might never have been born” (Boniwell, 2012, p. 29).

8 “Yo no elegi la psicología positiva. Fue ella la que me llamó a mí [...]. La psicología positiva me llamó a mí igual que la zarza ardiendo llamó a Moisés” (Seligman apud Cabanas e Illouz, 2019, p. 26).

9 Emoções positivas, engajamento, relacionamento, significado e realização.

A partir de 2008, outro movimento institucional importante dá fôlego à psicologia positiva: os estudos sobre a relação entre a felicidade e os índices de desenvolvimento econômico. A tese é de que a felicidade não está distribuída em relação proporcional à riqueza. Satisfeitos determinados níveis de consumo básico, como alimentação, lazer e moradia, a felicidade se deslocaria de questões materiais e para o elemento propriamente individual das satisfações. A partir desse desdobramento teórico, Seligman comenta o interesse de vários governos em implantar políticas públicas a partir de suas teses, mencionando, inclusive, o interesse de Nicolas Sarkozy, então presidente francês, nos benefícios da PP para o incremento das políticas públicas.

No artigo “Using wellbeing for public policy: theory, measurement, and recommendations” (2016), escrito por Seligman em parceria com Alejandro Adler, os atrativos da psicologia positiva como base para estratégias governamentais são expostos com mais detalhe. No limite, trata-se de incorporar indicativos de bem-estar às escalas de medição – como o IDH – para, a partir disso, atualizar os critérios que orientam as políticas públicas nacionais. Para isso, os autores apresentam algumas possibilidades métricas que foram aventadas no âmbito da psicologia positiva, capazes de, adaptadas a distintos projetos nacionais, mensurar a felicidade subjetiva média de cada país. Com isso, procuram demonstrar que as situações efetivamente sociais, ou externas, como a desigualdade ou a concentração de renda, são fatores acessórios na composição da satisfação individual, muito mais ligada a uma “ressignificação” do mundo social elaborada a partir de um reposicionamento do sujeito diante das carências e abundâncias de sua vida privada.

Vários bens e serviços públicos (por exemplo, melhores estradas, centros diários para idosos, praças públicas e parques) produzem custos ou benefícios que não são facilmente capturados por meio de indicadores econômicos tradicionais, embora possam melhorar ou diminuir significativamente a qualidade de vida dos cidadãos. Medir custos e benefícios por meio de mudanças no bem-estar das pessoas pode ajudar os formuladores de políticas a ter opções para mitigar os efeitos negativos das externalidades e alocar recursos para as alternativas de custo-benefício mais convenientes (Seligman e Adler, 2016, p. 13).<sup>10</sup>

O interesse governamental pela psicologia positiva é um dos fatores que ajuda a entender o gigantesco financiamento que o centro da Pensilvânia recebe. Uma anedota narrada pelo fundador, Seligman, retrata essa dinâmica com pormenores:

Mas o maior apoio inicial veio de uma fonte incomum. “Foi uma ótima reunião que você realizou em Derry, Marty.” A voz no telefone do carro era a do tesoureiro de uma fundação anônima. Eles haviam apoiado uma reunião de cientistas sociais que eu organizara 6 meses antes para discutir quando os genocídios não acontecem. “O que você quer fazer depois?” perguntou a voz no telefone do carro. Fiquei surpreso. Achei que a reunião de Derry encerrara nosso trabalho juntos.

“Próximo?” Arrisquei.

“Sim”, respondeu ele, “no que você está pensando agora?”

10 “Several public goods and services (e.g., better roads, day centers for the elderly, public squares, and parks) produce costs or benefits that are not easily captured through traditional economic indicators, even though they may significantly improve or diminish citizens’ quality of life. Measuring costs and benefits through changes in people’s wellbeing may help policy makers have options to mitigate the negative effects of externalities, and to allocate resources to the most convenient cost-effective alternatives)” (Seligman e Adler, 2016, p. 13).



Expliquei um pouco sobre uma psicologia positiva, composta de experiências positivas, traços positivos e instituições positivas, e a conversa terminou com ele dizendo: “Por que você não vem a Manhattan e nos conta sobre isso?”

Desta vez, ao contrário da minha visita inicial, havia uma placa na porta: Atlantic Philanthropies. Chuck Feeney, o fundador das lojas *duty free* encontradas em todos os aeroportos internacionais, doou toda a sua fortuna, cerca de US\$ 5 bilhões, a esta fundação para promover oportunidades e proporcionar mudanças duradouras para pessoas vulneráveis.

“Agora, o que é psicologia positiva?” perguntou um dos dois advogados na pequena sala. Comecei, mas depois de cerca de 10 minutos ele interrompeu. “Você poderia nos enviar duas páginas sobre isso?” ele perguntou, e enquanto me conduzia para fora da porta, “Não se esqueça de enviar um orçamento.” Um mês depois, apareceu um cheque de US \$ 1,4 milhão (Seligman, 2019, p. 5).<sup>11</sup>

Entre 2008 e 2018, conforme nos conta Seligman, o Exército americano se interessou pelas técnicas da psicologia positiva no tratamento de traumas de guerra e no fomento de uma atitude positiva em soldados que combatiam no Afeganistão e no Iraque. Ele elabora então os manuais de resiliência que seriam utilizados no treinamento de atitudes positivas nas forças armadas.

O impressionante crescimento da psicologia positiva deu ensejo a uma série de debates críticos, que serão comentados na próxima sessão deste artigo. Vale mencionar, contudo, que o próprio Seligman destaca que, a despeito das reservas que setores “conservadores” (sobretudo a psicologia humanista) do campo da psicologia nutriam em relação ao seu projeto, havia um elemento fundamental de continuidade (respeito ao cânone) que atenuaria o caráter disruptivo das propostas da PP. Falando como alguém que subverte as regras do jogo estando plenamente inserido nele (ou graças a essa posição), Seligman afirma que “A psicologia positiva mantém algumas das ideias radicais, mas usa métodos convencionais e rigorosos” (Seligman, 2019, p. 20).<sup>12</sup> Além disso, outro elemento indica a posição consagrada de Seligman que, ao se colocar no papel de fundador, é capaz de imaginar uma genealogia futura para as práticas da psicologia

11 But the biggest initial support came from an unusual source. “That was a great meeting you held in Derry, Marty.” The voice on the car phone was that of the treasurer of an anonymous foundation. They had supported a gathering of social scientists I had organized 6 months before to discuss when genocides do not happen. “What do you want to do next?” the voice on my car phone asked. I was taken aback. I had assumed that the Derry meeting ended our work together.

“Next?” I ventured.

“Yes,” he replied, “What are you thinking about now?”

I explained a bit about a positive psychology, composed of positive experience, positive traits, and positive institutions, and the conversation ended with him saying, “Why don’t you come up to Manhattan and tell us about it?”

This time, unlike during my initial visit, there was a sign on the door: Atlantic Philanthropies. Chuck Feeney, the founder of the duty-free shops that are found in every international airport, had given away his entire fortune, some \$5 billion dollars, to this foundation to advance opportunity and provide lasting change for vulnerable people.

“Now what is this positive psychology?” one of the two lawyers in the small room asked. I began, but after about 10 minutes he interrupted. “Could you send us two pages about this?” he asked, and as he ushered me out the door, “Don’t forget to send a budget.” One month later, a check for \$1.4 million appeared (Seligman, 2019, p. 5).

12 “positive psychology keeps some of the radical ideas, but it uses conventional, rigorous methods” (Seligman, 2019, p. 20).

positiva, selecionando os discípulos por idade e, com isso, optando por falar àqueles que, tendencialmente, se encontram em posição marginal, mesmo que em ascensão, no campo da psicologia. Em seus termos, “Os jovens eram o fulcro. Os velhos cientistas e os antigos praticantes eram escleróticos, investiam excessivamente em sua maneira de fazer as coisas e ganhavam a vida estudando e tratando a miséria. Tivemos que atrair os cientistas mais brilhantes e ainda não consolidados para a psicologia positiva” (Seligman, 2019, p. 3).<sup>13</sup>

Se, ao utilizar uma linguagem científica para descrever a si mesma e seus métodos, a psicologia positiva procura posicionar-se no campo científico e acadêmico como uma novidade contida, ou uma inovação que se depreende do próprio desenvolvimento interno da disciplina, há outro elemento, esse mais subversivo, que merece atenção: o fato de que as críticas acadêmicas à psicologia positiva foram acompanhadas por uma ampla aceitação popular do projeto. Programas de TV, revistas de ampla tiragem como a *Time* e um fervilhante mercado de *coaches* inspirados pela linguagem científica da psicologia positiva ajudam a dimensionar a questão que organiza nossa hipótese: a de que a novidade, mais que teórica ou clínica, era da ordem da estabilidade disciplinar e das fronteiras entre o reconhecimento público de uma especialidade científica e de sua circulação em larga escala, fora do controle exclusivo das instituições consagradas. Essa tensão não pode ser deduzida da análise meramente internalista dos argumentos da psicologia positiva, mas pode ser cotejada com alguns elementos contextuais que, se não podem explicar o argumento endógeno das teses, certamente têm algumas coisas a contar sobre seu sucesso.

Pode-se buscar origens de certa permeabilidade da cultura norte-americana ao pressuposto da psicologia positiva, por exemplo, na bastante tematizada cultura do otimismo e da autoajuda que remonta a Smiles (1908), passa pela obra de Dale Carnegie (1981) e chega até o século XXI com tiragens faraônicas. Não é o caso, nesse momento, de fazer uma genealogia dessas obras e de sua circulação, mas é importante ponderar acerca do significado da consolidação de um público leitor, primeiramente nos EUA e logo globalmente, especialmente atraído por esse nicho. Alguns autores, como Catano (2001) e Hofstadter (2012), procuram uma explicação nas origens de uma “cultura otimista” dos EUA, lastreada pela ideia de um caráter simples e prático e amparada, em alguma medida, pelo encontro entre protestantismo e sucesso financeiro.<sup>14</sup> Nos termos de Rudiger, “a literatura de autoajuda representa expressão textual de um conjunto de práticas engendrado pela cultura popular anglo-saxônica, que se transplantou para toda a parte onde a moderna indústria da cultura revolucionou o modo de vida, transformando-se com o tempo em uma verdadeira categoria cultural da baixa modernidade” (Rudiger, 1996, p. 8).

Difícilmente se poderia sobrestimar a importância da indústria editorial de autoajuda na segunda metade do século XX, tampouco sua afinidade com algumas das premissas centrais do capitalismo tal como se desenvolveu, especialmente a partir da década de 1990 (Boltanski e Chiapello, 2005; Brown, 2019). Essa afinidade, ora temática, ora prescritiva, pode ser encontrada, por exemplo, em um dos motes clássicos da tradição da *self-help*, a saber, o de que tudo é possível na medida em que a força interior é capaz de subjugar os constrangimentos sociais. Há corolários importantes em uma afirmação como “tudo é possível”, dentre os quais a ideia

13 “the young people were the fulcrum. The old scientists and the old practitioners were sclerotic, overinvested in their way of doing things, and making their living from studying and treating misery. We had to attract the brightest not-yet tenured scientists to positive psychology” (Seligman, 2019, p. 3).

14 Sobre o tema da permeabilidade da literatura de autoajuda é possível consultar, ainda, Bosco (2001).



do autocontrole (Elias, 1994), da autorracionalização e da naturalização de uma conexão causal entre fé, disciplina e vontade. Esses ativos sentimentais são importantes porque funcionam como argumento para que a psicologia positiva se projete como um campo científico capaz de escutar as demandas e entender os valores profundos do “homem americano” sem julgá-los e sem hostilizá-los. Tudo se passa como se a psicologia positiva fosse uma ciência que nascesse de uma demanda, se impondo assim inexoravelmente como uma resposta a ela, procedimento bastante distante, de saída, à legitimidade de temas e de métodos científicos entendida a partir da dinâmica endógena do controle de pares.

Se percorrermos as trajetórias extrauniversitárias da psicologia nos EUA, onde o projeto da psicologia positiva floresce inicialmente, encontraremos uma ampla tradição de convergência entre leituras heterodoxas do freudismo e o mercado de psicologia popular. Para Illouz (2007), a psicologia positiva se beneficia, assim, de uma tradição nacional na qual o freudismo, mais pessimista em relação às possibilidades do indivíduo romper com seus ciclos mentais, já havia sido atenuado com doses importantes da autoimagem cultural americana, otimista e aberta às possibilidades de construção do futuro pela obra individual. A partir dos anos 1940, a popularização da psicologia a partir dos livros de bolso retoma a natureza híbrida desse investimento cultural: ao mesmo tempo em que se institucionaliza em universidades importantes como Harvard e Columbia, a psicologia torna-se, também, uma “estrutura de sentimento” (Williams, 1990) que ajuda a consolidar uma florescente indústria de autoajuda. Nos anos 1960,

O amadurecimento e a expansão do mercado de consumo, aliados à “revolução sexual” dos anos 1960, contribuíram para aumentar a visibilidade e autoridade dos psicólogos, pois essas duas vertentes culturais e ideológicas – consumismo e liberação sexual – tinham em comum o fato de terem localizado o *self*, sexualidade e vida privada em instâncias cruciais para a formação e expressão da identidade (Illouz, 2007, p. 53; destaque no original).<sup>15</sup>

Reconhecer a importância do indivíduo e de sua autorrealização que se desenvolve a partir da literatura de autoajuda é assumir, para os fundadores da psicologia positiva, a legitimidade – e por que não, o dever – de uma ciência que se fundamenta na prática, fornecendo um verniz científico às intuições autênticas do homem médio americano. Seligman em *Positive psychology: a personal history*, descreve seu projeto nos seguintes termos: “sua substância é ancorada pelas preocupações opostas da psicologia clínica: a vida boa – o que é ser saudável e são, e o que os humanos escolhem buscar quando não estão sofrendo ou sob opressão” (Seligman, 2019, p. 3).<sup>16</sup> Essa vontade de uma boa vida amparada pelo crescimento pessoal contrasta, segundo os fundadores da psicologia positiva, com uma vocação passadista dos estudos psicológicos que, desde o século XIX, teriam sido elaboradas a partir de um uso pouco efetivo – para o conjunto de valores do cidadão *normal* – dos paradigmas psicanalíticos do começo do século XX. Nos termos de Seligman:

15 “The maturation and expansion of the consumer market, allied with the 1960s’ ‘sexual revolution’, contributed to increasing the visibility and authority of psychologists because these two cultural and ideological persuasions – consumerism and sexual liberation – had in common the fact that they made the self, sexuality, and private life into crucial sites for the formation and expression of identity” (Illouz, 2007, p. 53).

16 “the substance was anchored by the opposite concerns from clinical psychology: the good life – what it is to be healthy and sane, and what humans choose to pursue when they are not suffering or oppressed” (Seligman, 2019, p. 3).

Que o positivo acrescenta propriedades além da ausência do negativo é muito importante para a psicoterapia. Quando me tornei terapeuta, fui ensinado, seguindo o dogma de Sigmund Freud e Arthur Schopenhauer, que o melhor que podemos fazer é não sofrer, então meu objetivo era ajudar a paciente a se livrar de todos os seus pontos negativos: raiva, tristeza e ansiedade. Feito isso, a terapia terminou. De vez em quando, fazíamos um trabalho muito bom e essas disforias desapareciam completamente. Consegui um paciente feliz? Não, eu tenho um paciente vazio porque as habilidades de emoção positiva, envolvimento, significado e bons relacionamentos são totalmente diferentes das habilidades de lutar contra a raiva, ansiedade e depressão. Portanto, chegar ao que é bom é muito mais do que apenas eliminar o que é ruim (Seligman, 2019, p. 21).<sup>17</sup>

Boniwell, em *Positive psychology in a nutshell* (2012), situa o rompimento com a psicologia da doença a partir de um retorno à busca pela felicidade que é tão antigo quanto a tradição aristotélica, conectando assim o empreendimento de Seligman a uma vasta gama de matrizes de pensamento sobre a felicidade, tais como a tradição hindu e budista, a meditação, o *mindfulness*, e até mesmo o iconoclasta Carl Jung, “com sua individuação, ou o conceito de ‘tornar-se tudo o que se pode ser’ (Jung, 1933)” (Boniwell, 2012, p. 6).<sup>18</sup> Esse “retorno”, para Boniwell, deve ser entendido nos marcos de uma ruptura com a tradição psicológica do pós-guerra, que teria acentuado, a partir da centralidade do trauma naquele contexto, a abordagem tradicionalmente freudiana calcada numa semântica da crise. A pessoa comum, destaca, não é a pessoa que está sempre em crise, mas a que leva uma vida geralmente retilínea, que não por isso deixa de ser singular ou de merecer atenção dos cuidados mentais e aumento da felicidade. O indivíduo normal, portanto, é reabilitado pela psicologia como medida de todas as coisas. Esse indivíduo típico preocupa-se com sua saúde, sua família e seu trabalho, e encontra nessas esferas a possibilidade de cristalizar uma identidade que não passa, necessariamente, pelo trauma.

Ao valorizar o indivíduo comum, saudável, dando a ele condições de melhorar seu rendimento e, sobretudo, não o colocando como alguém que não é capaz de entender a si mesmo, a psicologia positiva partilha, sinteticamente, do *ethos* clássico da cultura americana. Essa comunhão de valores não pode ser menosprezada em um rastreamento das condições extrateóricas do sucesso do empreendimento de Seligman. Em *Authentic happiness*, vemos que a psicologia centrada na doença não parece suficiente para capturar essa dimensão de virtude e “boa vida” na medida em que sequer considera o sujeito comum um objeto digno de estudos e empenho científico. O custo disso, para Seligman, é ignorar que as pessoas não querem apenas não ser doentes, querem ser felizes e plenas. “Finalmente chegou a hora de uma ciência que busca entender as emoções positivas, construir força e virtude e fornecer orientações para encontrar o que Aristóteles chamou de ‘vida boa’” (Seligman, 2002, p. 5).<sup>19</sup>

17 That the positive adds properties over and above the absence of the negative is very importante for psychotherapy. When I first became a therapist, I was taught, following the dogma of Sigmund Freud and Arthur Schopenhauer, that the Best we can do is not to suffer, so my aim was to help the patient get rid of all of her negatives: anger, sadness, and anxiety. That done, therapy ended. Once in a while, we did very good work, and these dysphorias cleared up completely. Did I get a happy patient? No, I got an empty patient because the skills of positive emotion, engagement, meaning, and good relationships are entirely different from the skills of fighting anger, anxiety, and depression. So, arriving at the good is a lot more than Just eliminating the bad (Seligman, 2019, p. 21).

18 “with his individuation, or ‘becoming all that one can be’, concept (Jung, 1933)” (Boniwell, 2012, p. 6).

19 “The time has finally arrived for a Science that seeks to understand positive emotion, build strength and virtue, and provide guideposts for finding what Aristotle called the ‘good life’” (Seligman, 2002, p. 5). [“Finalmente

Nesse ponto, é interessante notar que o rompimento com uma tradição disciplinar – da psicologia e da psicanálise, em específico – está amparado por um uso robusto da tradição: Aristóteles.<sup>20</sup> Nada mais tradicional do que o próprio pai fundador das inquiuições sobre a virtude da boa vida para cancelar o rompimento disciplinar da psicologia positiva. Tudo se passa como se a psicologia centrada na doença fosse não um cânone estável, mas um evento, uma interrupção, uma intercorrência na milenar busca pelo entendimento da felicidade humana. É a partir do estudo sistemático das virtudes que a psicologia norteia suas premissas clínicas e, ao mesmo tempo, são os estudos empíricos que, segundo Seligman, ajudam a PP a delimitar as virtudes adequadas para a perseguição de uma vida boa. Com o horizonte definido, os caminhos da virtude se deslocam da reflexão pessoalizada e subjetiva para os laboratórios científicos e os estudos randomizados, e podem ser condensados em uma agenda de pesquisa baseada em três áreas paradigmáticas: o estudo das emoções positivas, variáveis subjetivas através das quais é analisado o que sujeitos sentem e pensam; o estudo dos traços positivos, ou seja, das próprias virtudes, e o estudo das instituições positivas, contextos sociais e comunitários nos quais podem ser promovidos valores positivos.

A imagem aristotélica da eudaimonia aparece frequentemente nos textos e nas palestras de Seligman e de Csikszentmihalyi. Em *The New era of positive psychology*, palestra proferida em 2008 para a conferência TED,<sup>21</sup> a psicologia positiva é descrita a partir de um senso de missão. Muito mais do que uma profissão, para cujos propósitos a definição das finalidades está vetada de antemão, a psicologia positiva posiciona-se como uma vocação no sentido mais forte do termo, amparada por uma finalidade que, aparentemente, tem sólidas bases na tradição humanista e que está, a rigor, fora de qualquer contestação: o aumento da felicidade humana.

Um dos conceitos mais importantes para a obtenção desse *improvement* de felicidade é o de *flow*, contribuição específica de Csikszentmihalyi que foi incorporada ao cânone da psicologia positiva. Em palestra realizada em 2016, também a convite do TedTalks,<sup>22</sup> o psicólogo tcheco argumenta que se a falta de recursos básicos contribui para a infelicidade, a abundância deles não determina a felicidade. O que seria então esse fator capaz de elevar o coeficiente de realização pessoal que está no centro da virtude positiva? Para Csikszentmihalyi (1990), trata-se do cultivo do *flow*, ou seja, certa condição catártica que acontece pela absorção do indivíduo em uma tarefa criativa, na qual ele não se encontra nem seguro nem inseguro demais, e na qual pode, finalmente, encontrar-se com sua essência. O *flow*, em poucas palavras, é algo que não vem depois do conhecimento técnico nem a despeito dele, é da ordem do *insight*: um momento de suspensão da experiência do tempo.

Ao reabilitar esses momentos catárticos e garantir que eles sejam acessíveis a qualquer pessoa interessada em aumentar seus níveis de felicidade, a psicologia positiva também modifica o público-alvo do discurso científico, alargando-o consideravelmente. Assim, ao mesmo

---

chegou a hora de uma Ciência que busca entender a emoção positiva, construir força e virtude e fornecer guias para encontrar o que Aristóteles chamou de ‘vida boa’ (Seligman, 2002, p. 5).]

20 “If there is a defensible sense in which all philosophy, as Whitehead said, is a footnote to Plato, much in the history of psychology is a footnote to Aristotle” (Robinson, 1995, p. vii). [“Se há um sentido defensável em que toda filosofia, como disse Whitehead, é uma nota de rodapé de Platão, muito na história da psicologia é uma nota de rodapé de Aristóteles” (Robinson, 1995, p. vii)].

21 A fala está disponível e pode ser consultada aqui: [\(106\) The new era of positive psychology | Martin Seligman - YouTube](#).

22 A palestra pode ser acessada em: <https://www.youtube.com/watch?v=BAIjbVf-HXA>.

tempo em que elabora uma crítica à insuficiência da sua disciplina matricial em considerar as demandas do cidadão normal, a psicologia positiva também questiona certa atitude escolástica que, aparentemente, não se importa com o que as pessoas comuns demandam e esperam da ciência. *Insight*, guias práticos, dicas para o cidadão comum: nada disso parecia despertar o interesse de uma psicologia centrada na excepcionalidade do homem traumatizado, como se o trauma fosse um indicativo de profundidade e, ao mesmo tempo, de rechaço do saber prático. Esse vácuo seria preenchido por um saber que, amparado em rígida ciência, desse conta de arregimentar as expectativas do senso comum. Barbara Fredrickson, uma importante psicóloga positiva (ganhadora do prêmio Templeton em 2018),<sup>23</sup> argumenta que, ao contrário do que parecia supor determinada versão dos estudos sobre o comportamento humano, as pessoas felizes não são *naïves*, e o cultivo do otimismo não as faz menos capazes de tomar decisões sábias e prudentes.<sup>24</sup> Esse tipo de preconceito, argumenta, condensa-se em uma atitude que é refratária a admitir uma correlação entre felicidade e produtividade. Otimismo, produtividade, vida saudável e valorização do saber prático: uma verdadeira mina de ouro da orientação psíquica que havia sido escamoteado por uma psicologia centrada na doença, recupera agora toda sua dignidade, com força suficiente para tornar-se uma espécie de religião secular: “A psicologia positiva aponta o caminho para uma abordagem secular a um objetivo nobre e significado transcendente e, mais surpreendentemente, a um Deus que não é sobrenatural” (Seligman, 2003, p. 13).<sup>25</sup>

## Caminhos de des(institucionalização)

Este artigo parte do pressuposto de que as críticas feitas à psicologia positiva elucidam parte da dinâmica concreta por meio da qual as disciplinas, interna e externamente, definem seus limites, seus cânones e seus sinais de profissionalização e autonomia. Nesse sentido, menos que invalidar objetivamente os procedimentos metodológicos da PP, elas são um observatório privilegiado das dinâmicas disciplinares que estão na base da aceitação ou recusa de determinado conjunto de premissas teóricas e do que elas significam em termos de estratégia disciplinar. A reação do campo acadêmico – da psicologia a princípio e das humanidades de forma mais ampla – ao crescimento exponencial da psicologia positiva, deu-se em diversos níveis: teórico e metodológico a princípio, mas também sociológico, assim como assumiu tonalidades que vão do ceticismo ao confronto aberto, como é o caso do argumento de Ecclestone e Hayes (2009) que abre este artigo. A relação entre o conteúdo das teses da psicologia positiva e seus combates em torno de um modelo disciplinar específico se reproduz, analogamente, na relação entre o conteúdo das críticas e suas aspirações institucionais. Por isso, antes de comentar as objeções propriamente ditas, este artigo apresentará uma breve recapitulação da disseminação

23 Para entender a dinâmica de consagração que amparava a rede da psicologia positiva, é possível acompanhar o estudo de Ehrenreich (2009), no qual instituições como a Templeton Foundation são abordadas em detalhe.

24 Um diálogo incontornável da psicologia positiva com a cultura do vale do Silício pode ser aventado a partir do que sustenta um dos fundadores da Singularity University, Peter Diamandis em *O futuro é melhor do que você imagina*. Nessa obra de divulgação do “ethos” empreendedor de Palo Alto, lemos que o pessimismo deve ser compreendido como um hábito mental danoso, refratário ao sucesso mundano. “É o viés da confirmação é apenas um de uma série de vieses que causam impacto na ideia de abundância. O viés da negatividade – a tendência a dar mais peso a informações e experiências negativas do que às positivas – com certeza não está ajudando” (Diamandis e Kotler, 2012, p. 48).

25 “La psicología positiva señala el camino hacia un enfoque secular del objetivo noble y el significado trascendente y, lo que es más sorprendente, hacia un Dios que no es sobrenatural” (Seligman, 2003, p. 13).

institucional da psicologia positiva, com o intuito de dimensionar o alcance dessa agenda de pesquisa e, com isso, o alcance da própria crítica.

A partir da década de 2010, a psicologia positiva cresce em todo o mundo. Amparada pela aceitação extrauniversitária, ela também se expande pelos departamentos de psicologia e, em alguns casos, através de encontros interdisciplinares com a história, a filosofia e a pedagogia. Alejandro C. Solano (2014), tratando especificamente do caso latino-americano, destaca que, aqui, ao contrário do que ocorreu nos EUA, a expansão da PP não teve um marco fundacional claro, como é o caso do livro de Seligman nos EUA em 2000. O autor destaca certa resistência dos acadêmicos latino-americanos aos pressupostos da PP, aventando a hipótese de que isso se deveria ao fato de que a América Latina, no geral, importa suas teorias e suas “modas acadêmicas”, dentre as quais a psicologia aplicada e a psicologia centrada na doença. A situação começa a se transformar, todavia, ainda no início da década de 2000. Conforme Solano, isso ocorre a partir da publicação de Maria Martina Casullo (2000), *Salutogenic or positive psychology: some comments* (Casullo apud Solano, 2014). A Universidade de Buenos Aires, onde trabalhava Casullo, cumpriu um papel importante nessa difusão inicial, logo acompanhada pela Universidade de Palermo. Em paralelo, destaca Solano, teria havido uma institucionalização de âmbito profissional, visível, por exemplo, na formação de redes dedicadas ao tema, como a Ibero-American Network of Positive Psychology, de 2009.

O caso do Brasil guarda algumas peculiaridades em relação a seus congêneres continentais, apesar de certa coincidência cronológica. É a natureza híbrida do empreendimento – acadêmico e mercadológico – que torna o rastreo de sua difusão complexo e, no caso deste artigo, meramente introdutório. Não bastaria, nesse sentido, um inventário de suas manifestações universitárias para dimensionar sua permeabilidade em empreendimentos culturais diversos. Enfocamos, portanto, o que os mecanismos de difusão da psicologia positiva informam especificamente sobre os rearranjos disciplinares. As origens acadêmicas da difusão da PP no Brasil datam de 2003, a partir da fundação do Institute of Positive Psychology and Behavior (Instituto de Psicologia Positiva e Comportamento, IPPC), por Lilian Graziano. Em 2013 é fundada a Associação Brasileira de Psicologia Positiva, acompanhada pela fundação do Laboratório de Mensuração, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, coordenado pelo professor Claudio Hutz, que logo se projetaria como o principal centro de pesquisa em psicologia positiva no país.

Uma questão interessante que pode ser apreendida a partir da circulação institucional da psicologia positiva no Brasil é que, conforme Solano e Rappold, ela encontrou-se com uma demanda extrauniversitária de cursos livres, *think tanks* e ONGs que, se eventualmente assumiram a forma de discursos místicos ou *new age*, contribuíram a seu modo para criar um ambiente favorável à circulação mais ampla das ideias elaboradas por Seligman. Essa origem heterodoxa – clínica, acadêmica e midiática – é destacada também por Reppold, Gurgel e Schiavon (2015). Os autores analisaram os índices de citação dos termos associados à PP e concluíram que a expansão do campo da psicologia positiva no Brasil esteve relacionada, em seu início, a pesquisas sobre os temas da resiliência e da vulnerabilidade, que têm como um de seus frutos mais importantes o estudo de Hutz, Koller e Bandeira (1996), sobre resiliência e vulnerabilidade em crianças em situação de risco.

O crescimento da área também foi marcado pela criação da Associação de Psicologia Positiva da América Latina (Appal) em 2010 (Pureza et al., 2012) e da Associação Brasileira de Psicologia Positiva (ABP+), de 2013.



A Associação Brasileira de Psicologia Positiva se apresenta, em seu estatuto, como uma associação de natureza científica, sem fins lucrativos, que tem por objetivo inicial “promover a divulgação e o desenvolvimento da área de psicologia positiva, bem como a troca de informações sobre pesquisas que possam resultar no aprimoramento da psicologia positiva”. A associação, sediada em Porto Alegre, possui em seus quadros oficiais uma vasta gama de colaboradores, agrupados na Tabela 1:

**Tabela 1** : Disposição institucional de praticantes da psicologia positiva

IDENTIFICAÇÃO	GÊNERO	GRAU DE FORMAÇÃO	LOCAL DO DOUTORADO	DATA MAIOR TITULAÇÃO	LOCAL DE ATUAÇÃO	CARGO
ACV	F	DOUTORA	UFRGS	2013	UFCSPA	PESQUISADOR
APPN	F	DOUTORA	PUC CAMP	1999	USF	PESQUISADOR
BFD	M	DOUTOR	UFRGS	2013	UFRJ	PESQUISADOR
CRC	F	DOUTORA	PUC CAMP	2017	USF	PESQUISADOR
CTR	F	DOUTORA	UFRGS	2005	UFCSPA	PESQUISADOR
CPPF	F	DOUTORA	UFRGS	2016	UNIVERSO	PESQUISADOR
CSC	F	DOUTORA	UFRGS	2016	UFF	PESQUISADOR
CMMV	F	DOUTORA	UNICAMP	2000	USF	PESQUISADOR
CMB	F	DOUTORA	UFRGS	2014	UFRGS (P DOC)	PESQUISADOR
CHG	F	DOUTORA	UFRGS	2002	UFRGS	PESQUISADOR
CSH	M	DOUTOR	UNIV. IOWA	1981	UFRGS	PESQUISADOR
CZ	M	DOUTOR	UFRGS	2011	USF	PESQUISADOR
DCC	F	DOUTORA	PUC GOIÁS	2016	PUC GOIÁS	PESQUISADOR
DZ	F	DOUTORA	BARCELONA UNIV.	2003	PUC GOIÁS	PESQUISADOR
DSP	M	MESTRE	USP	2018	XXX	PESQUISADOR
GFS	F	DOUTORA	PUC CAMP	2020	PUC CAMP	PESQUISADOR
HM	F	DOUTORA	UNB	2003	PUC GOIÁS	PESQUISADOR
LSAF	F	MESTRE	UFRGS	2018	XXX	PESQUISADOR
LLDZ	F	DOUTORA	UFRGS	2014	PUC CAMP	PESQUISADOR
MRGV	F	DOUTORA	PUC GOIÁS	2015	PUC GOIÁS	PESQUISADOR
MRB	F	DOUTORA	UFRGS	2015	UFF	PESQUISADOR
NS	M	DOUTOR	UFSC	2001 (ENG. PROD)	UFSC IEA BUSINESS SCHOOL BUENOS AIRES	PESQUISADOR
RPD	F	MESTRE	PUC CAMP UNIV. OF GEORGIA	2016	PUC CAMP	PESQUISADOR
SMW	F	DOUTORA	PUC CAMP	1981	PUC CAMP	PESQUISADOR
TCN	F	DOUTORA	PUC CAMP	2006	PUC CAMP	PESQUISADOR
WLM	M	DOUTOR	UFRGS	2013	PUC RS	PESQUISADOR

Fonte: Elaborada pela autora, com base em dados retirados do site oficial da ABP+ e da plataforma Lattes (Acesso em: 22 maio 2011).

Observando a tabela, algumas questões importantes sobre a dinâmica de institucionalização da PP podem ser aventadas. Inicialmente, a maior parte dos membros da associação é academicamente jovem, já que as defesas se concentram na década de 2010. Essa composição é particularmente informativa quando observada à luz da já mencionada estratégia do fundador, Seligman, acerca dos quadros institucionais da PP. Os mais academicamente jovens são aqueles que, por ainda não estarem tão bem posicionados no campo geral da disciplina, tendem a oferecer menos resistência a projetos inovadores e a teorias menos consagradas. No mesmo sentido, a maioria feminina também ajuda a visualizar a consagração tendencialmente marginal das mulheres em termos mais amplos de forma que, quando considerada sob o prisma da distância em relação às posições de poder na disciplina, a condição feminina pode se equiparar, tendencialmente, à juventude institucional. Além dos indicadores de trajetória, certo aspecto geográfico da difusão da PP no Brasil chama a atenção: o sentido da irradiação



da PP a partir da Associação assume um claro deslocamento do Rio Grande do Sul em direção a centros como Campinas e Rio de Janeiro. Finalmente, a difusão se acentua nas instituições privadas, como a PUC. Sobre esse tema, o comentário de Lilian Graziano (apud Solano, 2014) acerca da aproximação da PP com instituições do mercado pode ser elucidativo. Referindo-se à criação do primeiro MBA em PP na América Latina, ela afirma que:

Trata-se de um programa de gestão com foco na formação de profissionais e formadores de lideranças que, aplicando o conhecimento da ciência da psicologia positiva, seriam capazes de transformar as instituições em um lugar de florescimento humano (Graziano apud Solano, 2014, p. 136).<sup>26</sup>

A aproximação com o mercado privado – tanto universitário como no âmbito da indústria cultural – não é uma parte acessória da difusão da PP. A psicologia positiva, como um desdobramento disciplinar da psicologia acadêmica, aposta em um discurso totalizador, ou seja, aberto a considerações extradisciplinares, muitas vezes extracientíficas, aderindo a um discurso *pós-disciplinar*, a partir do qual a convivência com a mídia e o mercado não aparece como ameaça, mas como parte de um projeto de apagamento de fronteiras entre as disciplinas e entre a universidade e a sociedade. O rompimento com a ortodoxia acadêmica, nesse sentido, assume a forma de uma efetiva concordância de propósitos com outro “tipo” de instituição de ensino que seria, a rigor, mais adequada ao “tipo” de psicologia preconizado pela PP:

Estamos nos referindo à necessidade de repensar e reinventar a educação da mesma forma que a psicologia positiva ajudou a psicologia a repensar as bases de suas pesquisas e aplicações profissionais. Assim, o modelo de escola que conhecemos, consolidado no século XIX, passa a ter a necessidade de dar conta das demandas de uma sociedade democrática e inclusiva, caracterizada pela diversidade e pautada no caráter inter, multi e transdisciplinar do conhecimento (Araújo e Arantes apud Solano, 2014, p. 243).<sup>27</sup>

O termo ‘transdisciplinar’ aparece como possibilidade comunicativa entre o projeto teórico da psicologia positiva e sua forma institucional concreta, mais capaz de dialogar com o ensino privado do que as ortodoxias disciplinares tradicionais. Essa é, lembremos, uma das tensões consideradas por Fabiani (2012) a respeito da sincronia entre o declínio da universidade e da organização disciplinar. Para ele, a “era pós-disciplinar” – que a psicologia positiva parece endossar – encontra uma tradução perfeita no léxico da flexibilidade e do humor interinstitucional que acompanha a crítica neoliberal ao caráter estático da universidade tradicional. Tendo isso em mente, alguém poderia supor que, se a defesa da transdisciplinaridade é um pressuposto inegociável da psicologia positiva, as críticas a ela dirigidas poderiam ser compreendidas como uma defesa disciplinar das fronteiras entre universidade e mercado. Se levarmos em conta a

26 “This is a management program that focuses in training professionals and graduating leaders that, by applying the knowledge of the science of positive psychology, would be capable of transforming institutions in a place for human flourishing” (Graziano apud Solano, 2014, p. 136).

27 We are referring to the need for re-thinking and re-inventing the education in the same way that positive psychology has helped psychology to re-think the basis of its research and professional applications. So, the model of school that we know, consolidated in the nineteenth century, now has the need to cope with the demands and request of a democratic and inclusive society, characterized by diversity and based on the inter-, multi- and trans-disciplinary knowledge” (Araújo e Arantes apud Solano, 2014, p. 243).

provocação de Bourdieu, de que “Os detentores do monopólio da manipulação do sagrado, letrados de todas as igrejas, nunca tiveram muitas indulgências por aqueles que pretendem ‘descobrir em si mesmos’ as fontes da autoridade tradicional e aceder sem intermediários ao depósito de que eles têm a guarda” (Bourdieu, 2010, p. 154), poderíamos supor que as críticas acadêmicas à psicologia positiva seriam uma mera defesa de casta?

## As críticas à psicologia positiva

Conforme mencionamos, a crítica à psicologia positivase desdobra em diversos formatos. Considero que há dois tipos principais de crítica: as internalistas, que criticam os procedimentos da PP e sua eficácia propriamente clínica, e as que chamarei de externas, que incidem propriamente sobre o significado do movimento em termos socioculturais. Ambas convergem em um sentido mais amplo, que o argumento procura destacar: o fato de que é a instrumentalização da linguagem científica pela indústria da felicidade a principal objeção que pode ser feita ao projeto de Seligman. Apesar dessa concordância, as críticas diferem no que diz respeito à sua origem institucional. A crítica interna ao argumento da PP vem, majoritariamente, do campo da psicologia acadêmica, ou seja, do próprio núcleo de coesão disciplinar. As externas são fruto de um debate mais amplo sobre as reconfigurações da subjetividade nas últimas décadas.

Em *A felicidade como produto* (Reppold et al., 2019), encontramos algumas pistas sobre o teor das críticas endógenas à psicologia positiva. Segundo os autores, os ensaios clínicos atuais mostram que as práticas da PP (meditação, exercícios de resiliência e terapêutica da resignificação) possuem um efeito considerável, embora geralmente breve. Apesar disso, os autores destacam que alguns pesquisadores têm considerado as contraindicações da PP que, usualmente, não são levadas em consideração na divulgação mercadológica do projeto.

Alguns críticos destacam que os estudos empíricos elaborados nos marcos da PP carecem de contextualização e, por isso, de condição de interpretação dos resultados. Nesse sentido, as práticas de promoção da gratidão ou autoestima, por exemplo, quando não devidamente contextualizadas, poderiam levar à impulsos de passividade ou mesmo de culpabilização das vítimas de violência. Assim, também,

Para além dos contextos envolvendo quadros psicopatológicos, em população geral, intervenções focadas no aumento de afetos positivos também podem apresentar contraindicações. Pressman e Cohen (2005), em um estudo de revisão da literatura, reportaram evidências de que populações com altos índices de afetos positivos apresentam menos sintomas e dores físicas e maior longevidade. Contudo, indicam também que escores excessivamente altos de bem-estar estão associados à maior morbidade e mortalidade. Os autores discutem esse dado à luz da tendência desse grupo de subestimar riscos e cuidados com a saúde (Reppold et al., 2019, p. 337).

A culpabilização diante dos sentimentos negativos e a conversão, no âmbito normativo, do indivíduo que sofre em indivíduo fracassado, é um dos pontos que conecta essa crítica endógena da proposta da PP à crítica de cariz sociológico, de modo que, muitas vezes, as duas dimensões são inseparáveis. Um dos casos em que isso ocorre é na obra de Barbara Ehrenreich (2009).

Ehrenreich retoma as origens do otimismo inscrito na história americana desde o XIX até a vertiginosa literatura de autoajuda nos anos 1960. Nesse percurso encontram-se para ela, não apenas certa disposição protestante da “estrutura de sentimentos” norte-americana, mas também os mecanismos concretos de difusão dessa espécie de corolário ético do capitalismo naquele país. Em seus termos, “o pensamento positivo não é apenas um consenso cultural difuso, espalhado por contágio. Tem seus ideólogos, porta-vozes, pregadores e vendedores – autores de livros de autoajuda, palestrantes motivacionais, *coaches* e treinadores” (Ehrenreich, 2009, p. 48).<sup>28</sup> Uma instância específica dessa tradição inquieta Ehrenreich, a saber, a preocupação propriamente performática da felicidade, que já aparece em Carnegie e que se impõe de forma cada vez mais ostensiva conforme nos aproximamos dos anos finais do milênio. Se a necessidade de “aparentar felicidade” já era considerada uma chave do sucesso nos anos do pós-guerra, “o que mudou, nos últimos anos, é que o conselho para, pelo menos, agir de forma positiva ganhou um tom mais duro. A penalidade para o não conformismo está aumentando, desde a possibilidade de perda do emprego até a evasão social e isolamento completo” (Ehrenreich, 2009, p. 53).<sup>29</sup> Essa dimensão normativa é central no argumento da autora, sobretudo porque situa a psicologia positiva enquanto o discurso mais bem acabado dessa longa tradição.

Se é verdade que os psicólogos da positividade tentam manter distância dos *coaches*, envolvidos numa aura científica a partir do uso de termos como “equação da felicidade” e “variáveis da satisfação pessoal”, a convergência de seus pressupostos com a “*happycracia*” ancestral da cultura norte-americana não deixa muito para a imaginação sociológica, segundo Ehrenreich. Finalmente, a autora destaca uma outra dimensão do projeto da PP, que transcenderia a própria psicologia positiva, e que se refere à fundação de uma abordagem “positiva” para todas as ciências humanas, culminando em uma “*positive social science*”. Tal empreendimento, amparado por uma vigorosa rede de financiamentos, não estaria muito distante da realidade:

Além disso, disse ele [Seligman], ele “odeia” a ideia de ciências sociais positivas, uma vez que as ciências sociais incluem a sociologia e a sociologia é “fraca” e notoriamente subfinanciada. O assunto parece ter mudado da ciência para o oportunismo puro. Quando um membro da audiência propôs renomear psicologia positiva “economia comportamental aplicada”, porque “é popular nas escolas de negócios e tem altos salários”, ninguém riu (Ehrenreich, 2009, p. 151; destaques no original).<sup>30</sup>

A crítica de Barbara Held (2002) encontra-se com a de Ehrenreich no terreno do questionamento das implicações extracientíficas do empreendimento do Seligman, sobretudo no que diz respeito a certa dimensão “tirânica” da positividade. A tese do artigo, publicado em 2002, pode ser condensada na premissa de que a exaltação das virtudes do otimismo pode recair

28 “positive thinking is not just a diffuse cultural consensus, spread by contagion. It has its ideologues, spokespeople, preachers, and sales persons – authors of self-help books, motivational speakers, coaches, and trainers” (Ehrenreich, 2009, p. 48).

29 “what has changed, in the last few years, is that the advice to at least act in a positive way has taken on a harsher edge. The penalty for nonconformity is going up, from the possibility of job loss and failure to social shunning and complete isolation” (Ehrenreich, 2009, p. 53).

30 “Besides, he said, he ‘hates’ the Idea of positive social science, since social science includes sociology and sociology is ‘weak’ and notoriously underfunded. The subject seemed to have veered away from science to naked opportunism. When one audience member proposed renaming positive psychology ‘applied behavioral economics,’ because ‘it’s popular in business schools and goes with high salaries,’ nobody laughed (Ehrenreich, 2009, p. 151).

facilmente em exagero “e nas últimas duas décadas tem sido levado ao excesso, tanto no meio popular quanto no profissional/psicoterápico” (Held, 2002, p. 967).<sup>31</sup> Assim como Ehrenreich, Held também localiza as origens da aceitação da PP na história da autoajuda norte-americana e da criação de um amplo mercado de divulgação dessas obras ao longo de todo o século XX, passando por Carnegie e pela publicação, ainda em 1952, do *bestseller* de Norman Vincent Peale, *The power of positive thinking*. Amparado por essa atmosfera, contudo, Held destaca o impacto propriamente acadêmico do projeto de Seligman:

Por que precisamos de um movimento de psicologia positiva? Afinal, grande parte das pesquisas hoje subsumidas por esse movimento, incluindo pesquisas sobre o chamado bem-estar subjetivo, avançou durante décadas. Então, por que separar essa agenda de pesquisa do resto da disciplina rotulando-a de ‘psicologia positiva’, um movimento retórico que implicitamente coloca o restante da disciplina em termos pejorativos? (Held, 2002, p. 969).<sup>32</sup>

Tudo se passa como se a psicologia positiva se posicionasse, no campo acadêmico, como um discurso contra-hegemônico, capaz de capturar os anseios de uma geração de estudantes frustrados, como é usual, com a ortodoxia dos mestres. Assim, passam a diferenciar-se do cânone em vigor por uma apropriação bastante específica dos sinais de cientificidade. Ao mesmo tempo, como elemento que os aproxima do mercado, salientam que essa ciência rígida está a serviço de uma abordagem “holística” do Ser humano integral, reabilitando o discurso da personalidade que está na base do discurso *business* das últimas décadas (Boltanski e Chiapello, 2005).

Para Held, ainda, essa bricolagem muito específica, onde reside a força propriamente subversiva da PP, tem um efeito teórico de segunda ordem: a substituição da correlação entre esclarecimento e bem-estar pela correlação entre felicidade e bem-estar. Esse não é um aspecto trivial da crítica às instituições científicas, e ajuda a consolidar a imagem de um campo disciplinar preocupado com a vida do homem comum, para quem a felicidade é um valor mais tangível – e mais financiável, digamos assim – do que a angústia da dúvida científica ou a incerteza e o trauma, para usar o jargão propriamente disciplinar. Nos termos da autora, “à medida que aumenta a expectativa de que nos sintamos bem o tempo todo, podemos interpretar os sentimentos ruins não apenas como patológicos, mas também como socialmente inaceitáveis ou não virtuosos. Assim, sentir-se mal em 2002 é doentio e imoral” (Held, 2002, p. 981).<sup>33</sup>

Illouz, em *Cold intimacies* (2007) também nota que a crítica da “angústia”, que passa a ser entendida como um fracasso pessoal, é um dos principais triunfos da PP diante da opinião pública e dos leigos interessados em psicologia. Nesse sentido, Freud e Smiles (o pioneiro da autoajuda) representariam dois *ethos* conflitantes. O primeiro deles, cíclico, marcado pela repetição e pelo trauma. O segundo – que abre a senda através da qual a PP se projetará – baseia-se numa

31 “that extolling the virtues of the optimistic or positive outlook can be taken to excess, and in the last two decades has been taken to excess, both in popular and professional/psychotherapy circles” (Held, 2002, p. 967).

32 “Why do we need a positive psychology movement? After all, much of the research now subsumed by that movement, including research on so-called subjective well-being, has progressed for decades. So why segregate that research agenda from the rest of the discipline by labeling it ‘positive psychology,’ a rhetorical move which implicitly casts the rest of the discipline in pejorative terms?” (Held, 2002, p. 969).

33 “as the expectation that we feel good at all times increases, we may interpret feeling bad not only as pathological, but as socially unacceptable or unvirtuous. Thus, feeling bad in 2002 is both sick and imoral” (Held, 2002, p. 981).

linearidade, do indivíduo que melhora, progride, torna-se, a cada dia, mais feliz e mais “autêntico”. A trajetória do herói, afinal, não pode ser cíclica, se é preciso que ele “faça a si mesmo”.

Essas críticas pontuais à PP sintetizam uma miríade de ressalvas elaboradas por autores os mais diversos, interessados nos aspectos propriamente subjetivos do neoliberalismo. Este artigo não comportaria uma revisão dessa conexão, mas, assumindo-a, destaca a dimensão prescritiva que as críticas à PP notam no projeto de Seligman. Se a felicidade é um valor, e um valor aparentemente inegociável, o mesmo não se pode dizer do esclarecimento, parte importante da autoimagem da universidade durante tanto tempo. Que o discurso sobre felicidade, ainda que sob a forma da indústria de autoajuda e dos mercados dos *coaches*, pode coexistir com a universidade, parece não haver dúvida. Mas, quando esses dois campos se encontram na forma de um projeto intelectual que oferece uma espécie de “o melhor de dois mundos”, a pergunta sobre a estabilidade das fronteiras disciplinares se torna uma questão de primeira ordem.

## Considerações finais: a psicologia positiva como sintoma

Este artigo sugeriu que a relação entre a psicologia positiva e a universidade não está restrita apenas aos enfrentamentos teóricos que se dão no âmbito da disciplina. Como lembra Ruth Barcan (2016), o modelo de universidade em expansão a partir dos anos 1990 é caracterizado por uma fratura em sua identidade: ao mesmo tempo em que a instituição é, já, uma corporação, ela comporta, ainda, expectativas ligadas à universidade dos anos 1950 e 1960, entendida como um espaço de formulação de crítica e de pensamento desinteressado.<sup>34</sup> É apenas tendo em vista a história dessa tensão entre universidade e mercado que podemos dimensionar o impacto da psicologia positiva na implosão dos critérios consagratórios disciplinares e na adesão, ora tácita ora presumida, da pesquisa científica às demandas da indústria cultural.

Para Davies e Bansel, “As universidades foram seduzidas por conceitos como a “economia do conhecimento” e com sua sugestão de que poderiam ter um papel maior a desempenhar na nova ordem” (Davies e Bansel, 2005, p. 52).<sup>35</sup> Essa esperança, contudo, mostra-se frustrada quando a carência de fundos e a dificuldade de financiar especialidades que não produzem bens de consumo – como a psicologia e as ciências humanas de modo geral – leva não apenas à competição exacerbada dentro dos departamentos como, também, a uma crescente desprofissionalização. Assim, o novo formato de universidade empresarial engendraria, com seu apelo à produtividade e à gestão em moldes corporativos – ou *new public management* (Shore eWright, 2000)–, a própria implosão de sua identidade profissional, tema também debatido por Andrew Sparkes (2017), Ruth Barcan (2016) e antes por Michael Power (1997). Esse ponto parece ser um dos aspectos mais delicados da relação da psicologia positiva com seus críticos: ao angariar fundos de instituições como a Coca Cola, o Exército americano e a Templeton Foundation, a psicologia positiva se posiciona não apenas de forma dominante dentro da universidade (pela

34 A cronologia de Ruth Barcan apoia-se no diálogo com pesquisadores como Stephan Collini (2017) e Michael Power (2012). Eventualmente, cada campo nacional reacomoda as demandas específicas de seu contexto. A aposta deste artigo é, contudo, que certas linhas-mestras são capazes de aglutinar as formas que a universidade assumiu e os desafios que vêm enfrentando a partir dos anos 1990, com a mundialização de uma “sociedade do conhecimento” e a transformação da imagem pública das instituições de ensino superior.

35 “Universities have been seduced through concepts like the ‘knowledge economy’ with its suggestion that universities may have a greater role to play in the new order” (Davies e Bansel, 2005, p. 52).

capacidade quase infinita de captar recursos) como, também, projeta-se como ponte entre a instituição e seu entorno social, na medida em que assume que são as demandas externas à ortodoxia científica que devem organizar as prioridades de alocação dos recursos de pesquisa. A psicologia positiva apresenta-se, em suma, como uma ciência útil para o homem comum, como um campo disruptivo da universidade tradicional que se emancipa de certo anacronismo profissional e apresenta uma ciência de fácil acesso, traduzida em exercícios de 15 minutos que qualquer um pode fazer no carro, a caminho do trabalho.

Essas questões, inflexões institucionais de um projeto teórico específico, ganham contornos mais claros quando analisados sob o prisma das críticas que a psicologia positiva sofreu e sofre eventualmente. Quais são os critérios de emancipação de um campo disciplinar em relação à tradição na qual foi gerado? Quais ideias e pressupostos essa concepção assume, que podem ser considerados suficientes para diferenciá-la de uma mera virada crítica? Há contradição entre o uso do jargão científico e uma posição que questiona a dificuldade da própria tradição científica de acessar as necessidades das pessoas comuns às quais a ciência, em última instância, se dedica? Tudo isso passa, sugiro, pelo debate sobre a própria “crise” da universidade e de sua justificativa pública. A psicologia positiva, ao movimentar-se em direção ao mercado ou àquilo que Ehrenreich (2009) chama de “indústria da felicidade”, não desafia apenas alguns paradigmas da disciplina (como a substituição do inconsciente pela vontade individual) mas, também, a ideia de que a utilidade não é o fim do esforço intelectual e acadêmico. Assim, posicionada como um observatório privilegiado das relações entre universidade e sociedade, a psicologia positiva pode ser interpretada como algo mais do que uma heterodoxia. Se nossa hipótese procede, a psicologia positiva pode ser entendida como um projeto intelectual que se desdobra em três níveis: a reconstrução da tradição psicológica a partir do paradigma da felicidade pessoal; a implosão do fosso que protegia as consagrações acadêmicas das ingerências do mercado e da indústria cultural e, finalmente, uma atitude diante do conhecimento e da ciência que permite que ela floresça especificamente na crise de legitimidade da universidade clássica frente à esfera pública. A universidade, entendida como local de produção do discurso científico, não pode estar desprestigiada a ponto de que o léxico científico não sirva como chamariz para o interesse na psicologia positiva e, ao mesmo tempo, não pode estar prestigiada a ponto de que a autonomia de suas fronteiras tolha iniciativas de hibridização das práticas científicas com a “indústria da felicidade”. Nessa zona híbrida, de crise de identificação profissional, a psicologia emerge como sintoma e como cura, reproduzindo no âmbito social a própria cisão teórica na qual se ampara.

Steven Shapin (2008), em sua análise sobre a tecnociência na modernidade tardia, ressalta que, a despeito do senso comum científico, os valores pessoais e a percepção de certa autoridade carismática não diminuíram com a progressiva profissionalização do campo científico. Ao contrário, de seu ponto de vista, os valores pessoais importam mais agora do que antes, de modo que não podem ser entendidos como meros vestígios de um mundo pré-científico. Quando tomamos por objeto o caso da psicologia positiva, e sobretudo o papel central que seu fundador desempenha na circulação extra-acadêmica de suas bases, vemos que Seligman opera uma espécie de reagenciamento da autoridade carismática. Ao colocar-se contrário a uma ciência – e a um modelo de cientista, sobretudo – distanciado do homem comum, Seligman aproxima-se da linguagem popular do carisma que incorpora um cientista que “pensa em nós” ou “pensa como nós”. Se observarmos a frequência do termo “guru” na literatura de autoajuda e dos *coaches* de empreendedorismo, vemos de forma mais evidente



a tensão que figuras como Seligman instauram na relação entre a ciência e a sociedade. Não se trata, nesse caso, de um guru místico, mas de um que maneja a linguagem científica e sua autoridade.<sup>36</sup> Em suma, ao oferecer um novo modelo de relação entre a ciência e seu público, a psicologia positiva oferece também uma possibilidade de que os acadêmicos sejam cobrados pela utilidade imediata de suas investigações e pelo alinhamento das mesmas à otimização de um *ethos* bastante específico: aquele do individualismo radical que transforma a função do professor, dessacralizando-a.

Recuperar os antecedentes da psicologia positiva ajuda a elucidar a hipótese de que o *frisson* causado, no campo acadêmico, pela extensão dos domínios intelectuais do autocuidado e do conceito de felicidade a manuais de larga tiragem e a cursos de *coach* empresarial, por exemplo, não se deve ao fato de que a psicologia positiva se contrapõe à tradição canônica da disciplina em si. Afinal, além de oferecer-se enquanto alternativa complementar à psicologia “clássica”, a psicologia positiva oferece, também, uma nova plataforma de consagração para o discurso científico do bem-estar: a indústria cultural. Colocando a ortodoxia da disciplina – psicologia – frente ao impasse de rechaçar o contato com a indústria cultural e manter suas fronteiras ou abrir-se totalmente a ele e sacrificar sua autonomia, o caso da psicologia positiva nos convida a considerar outros movimentos que, em outras áreas disciplinares, também podem colocar em xeque a dinâmica de perpetuação-inovação à qual se referia Fabiani (2006, 2012), ainda que nasçam e se justifiquem a partir das posições mais centrais do campo disciplinar em questão. De que modo as tendências de uma aposta na retotalização do conhecimento – como em suas vertentes de dissolução das disciplinas – são benéficas para a sobrevivência das ciências humanas? Como elas põem em questão nosso futuro institucional ao colocarem em xeque nossa atitude disciplinar? Assumir essa tensão e pensar em seus possíveis desdobramentos é tarefa urgente, e que se impõe em duas dimensões: do ponto de vista institucional e disciplinar, nos convida a ficar atentos aos processos sociais que transformam a desconfiança em relação à ideia de intelectual em hostilidade franca em relação à sua principal plataforma de consagração, a universidade; do ponto de vista profissional, nos convida a observar as transformações pelas quais uma disciplina passa – e quais são os seus limites – enquanto tenta se adaptar como pode a um mundo em que a demanda é, “não Shakespeare ou Dickens, mas como escrever uma carta comercial” (Hofstadter, 2012, p. 356).<sup>37</sup>

36 Em texto publicado em 2020, Shapin desenvolve seu argumento tendo como horizonte certa impressão de que a ciência foi descredibilizada por outros saberes. Ao contrário, alega Shapin, o problema das referidas “pós-verdades” é tem a ver com uma crise dos mecanismos de legitimação da instituição científica, mais do que de seu discurso. Em seus termos “Ser uma pessoa bem informada pode significar saber um monte de coisas, mas certamente significa saber quem sabe e quem não sabe” (Shapin, 2020, p. 314).

37 “not Shakespeare or Dickens, but how to write a business letter” (Hofstadter, 2012, p. 356).

## Referências bibliográficas

- BARCAN, R. *Academic life and labour in the new university: hope and other choices*. London: Routledge, 2016.
- BEN-DAVID, J. Social factors in the origins of a new science: the case of psychology. *American Sociological Review*, v. 3, n. 4, p. 451-465, 1996.
- BLANCKAERT, C. La discipline en perspective: Le système des sciences à l'heure du spécialisme (XIX-XX siècle). In: BOUTIER, J.; PASSERON, J.-C.; REVEL, J. (eds.). *Qu'est-ce qu'une discipline?* Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 2006.
- BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, E. *The new spirit of capitalism*. London: Verso, 2005.
- BONIWELL, I. *Positive psychology in a nutshell: the science of happiness*. London: Open University Press, 2012.
- BOSCO, A. M. *Sucessos que não acontecem por acaso: literaturas de autoajuda*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- BOURDIEU, P. *Homo academicus*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008.
- BOURDIEU, P. *A distinção: uma crítica social da faculdade do juízo*. Trad. Pedro Duarte. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. *Los herederos: los estudiantes y la cultura*. 3ª ed. Buenos Aires: Siglo XXI, 2013.
- BROWN, W. *In the ruins of neoliberalism: the rise of antidemocratic politics in the West*. New York: Columbia University Press, 2019.
- BURROWS, R. Living with the h-index? Metric assemblages in the contemporary academy. *The Sociological Review*, v. 60, p. 355-372, 2012.
- CABANAS, E.; ILLOUZ, E. *Happycracia: cómo la ciencia y la industria de la felicidad controlan nuestras vidas*. Barcelona: Paidós, 2019.
- CARNEGIE, D. *Como fazer amigos e influenciar pessoas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1981.
- CATANO, J. *Ragged dicks: masculinity, steel, and the rhetoric of the self-made man*. Carbondale, IL: Southern Illinois University Press, 2001.
- COLLINI, S. *Speaking of universities*. London: Verso, 2017.
- CSIKSZENTMIHALYI, M. *Flow: the psychology of optimal experience*. New York: Harper & Row, 1990.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DAVIES, B.; BANSEL, P. The time of their lives? Academic workers in neoliberal time(s). *Health Sociology Review*, v.14, n. 1, p. 52, 2005.
- DIAMANDIS, P.; KOTLER, S. *Abundância: o futuro é melhor do que você imagina*. São Paulo: HSM, 2012.
- DONOGHUE, F. *The last professors: the twilight of the humanities in the corporate university*. New York: Fordham University Press, 2008.
- ECCLERSTONE, K.; HAYES, D. *The dangerous rise of therapeutic education*. New York: Routledge, 2009.
- EHRENREICH, B. *Bright-sided: how the relentless promotion of positive thinking has undermined America*. New York: Metropolitan Books/Henry Holt, 2009.
- ELIAS, N. *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

- FABIANI, J.-L. À quoi sert la notion de discipline? In: BOUTIER, J.; PASSERON, J.-C.; REVEL, J. (eds.). *Qu'est-ce qu'une discipline?* Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 2006. p. 4.
- FABIANI, J.-L. Du chaos des disciplines à la fin de l'ordre disciplinaire? *Pratiques: linguistique, littérature, didactique* [en ligne], p. 129-140, 2012.
- FOUCAULT, M. *O nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GOFFMAN, E. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1985.
- HELD, B. The tyranny of the positive attitude in America: observation and speculation. *Journal of Clinical Psychology*, v. 58, n. 9, p. 965-992, 2002.
- HOFSTADTER, R. *Anti-intellectualism in American life*. New York: Random House, 2012.
- HUTZ, C. S.; KOLLER, S. H.; BANDEIRA, D. R. Resiliência e vulnerabilidade em crianças em situação de risco. *Coletâneas da ANPEPP*, v. 1, n. 12, p. 79-86, 1996.
- ILLOUZ, E. *Cold intimacies: the making of emotional capitalism*. Boston: Polity Press, 2007.
- KUHN, T. *A estrutura das revoluções científicas*. 2ª ed. Tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- LORENZ, C. Fixing the facts: the rise of new public management, the metrification of "quality" and the fall of the academic professions. *Essays on Social History and the History of Social Movements*, v. 52, p. 5-26, 2014.
- POWER, M. *The audit society: rituals of verification*. New York: Oxford University Press, 1997.
- PUREZA, J. R.; KUHN, C. H. C.; CASTRO, E. K.; LISBOA, C. S. M. Psicologia positiva no Brasil: uma revisão sistemática da literatura. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, v. 8, n. 2, p. 109-117, 2012.
- RASHID, T.; SELIGMAN, M. *Positive psychotherapy: clinician manual*. New York: Oxford University Press, 2018.
- READINGS, B. *The university in ruins*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1996.
- REPPOLD, C. T.; GURGEL, L. G.; SCHIAVON, C. C. Research in positive psychology: a systematic literature review. *Psico-USF*, v. 20, n. 2, p. 275-285, 2015.
- REPPOLD, C.; ZANINI, D. S.; CAMPOS, D.; FARIA, M. R. V.; TOCCHETTO, B. S. Felicidade como produto: um olhar crítico sobre a ciência da psicologia positiva. *Avaliação Psicológica*, v. 18, n. 4, p. 333-342, 2019.
- ROBINSON, D. *An intellectual history of psychology*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1995.
- RUDIGER, F. *Literatura de autoajuda e individualismo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996.
- SELIGMAN, M.; ADLER, A. Using wellbeing for public policy: theory, measurement, and recommendations. *International Journal of Wellbeing*, v. 6, n. 1, p. 1-35, 2016.
- SELIGMAN, M.; CSIKSZENTMIHALYI, M. Positive psychology: an introduction. *American Psychologist*, v. 55, n.1, 2000.
- SELIGMAN, M. *Authentic happiness*. New York: Simon & Schuster, 2002.
- SELIGMAN, M. *La auténtica felicidad*. Barcelona: Ediciones B, 2003.
- SELIGMAN, M. Positive psychology: a personal history. *Annual Review of Clinical Psychology*, v. 15, p.1-23, 2019.
- SHAPIN, S. *The scientific life: a modern history of a Late Modern vocation*. Chicago: The University of Chicago Press, 2008.

SHAPIN, S. É verdade que estamos vivendo uma crise da verdade? *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 13, n. 2, p. 308-319, 2020.

SHORE, C.; WRIGHT, S. Coercitive accountability: the rise of audit culture in higher education. In: STRATHERN, M. *Audit cultures*. London: Routledge, 2000. p. 57-89.

SMILES, S. *Self-help*. London: John Murray, 1908.

SOLANO, A. C. *Positive psychology in Latin America*. Dordrecht: Springer, 2014.

SPARKES, A. Embodiment, academics, and the audit culture: a story seeking consideration. *Qualitative Research*, v. 7, n. 4, p. 521-550, 2017.

WILLIAMS, R. *Campo e cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Recebido em junho de 2021

Aceito em outubro de 2021